

Reencarnação na Bíblia

"Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sem cessar tal é a lei". (Frase no túmulo de Kardec)

Introdução

É certo que nós, os espíritas, não precisamos nos preocupar em demonstrar que a reencarnação está na Bíblia, pelo simples motivo de não ser ela, a Bíblia, a base dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, mas, sim, o que resulta das leis naturais criadas por Deus para reger tudo no Universo. Oportuna esta fala de Kardec:

[...] **A reencarnação** não é, pois, uma opinião, um sistema, como uma opinião política ou social, que se pode adotar ou recusar; **é um fato ou não o é; se é um fato, é inútil não ser do gosto de todo o mundo, tudo o que se disser não o impedirá de ser um fato.** (KARDEC, 1993b, p. 266, grifo nosso).

Provavelmente, uma pergunta nos farão: "Se é assim, por que, então, você está se preocupando com isso?" Nosso objetivo e preocupação é, em primeiro lugar, provar aos recém-chegados ao Espiritismo que a reencarnação é ensinamento bíblico e, em segundo, demonstrar aos ortodoxos que vivem alegando não estar a reencarnação na Bíblia. (Que ela está lá, é algo tão claro que nos causa espécie ver que não a enxergam; ou será que não querem enxergar?).

Timothy Freke (1959-) e Peter Gandy (?-), autores de *Os mistérios de Jesus*, disseram que "É difícil acreditar que uma coisa que desde a infância nos foi dito ser verdade pode ser na verdade um produto de falsificação e fantasia" (FREKE e GANDY, 2002, p. 20), com o que, totalmente, concordamos. Um pouco mais à frente completam:

É fácil acreditar que uma coisa deve ser verdade porque todas as outras pessoas acreditam que é. Mas a verdade muitas vezes só surge quando se ousa questionar o inquestionável, duvidar de noções que são vulgarmente consideradas verdade e tomadas por certas. (FREKE e GANDY, 2002, p. 21).

Exato, aquilo que for realmente verdadeiro não deixará de sê-lo porque alguém se atreveu a questionar, porquanto a verdade bem suportará isso e sairá incólume.

Um dos argumentos sempre utilizado contra nós é o de que não somos cristãos, pelo motivo de defendermos ensinamento que Jesus não nos passou, pois, para esses ortodoxos, que nos acusam, o Mestre jamais falou em reencarnação, o que, para nós, não é bem a verdade, como veremos no desenrolar desse estudo.

Também não são poucos os que dizem que a palavra reencarnação não está na Bíblia; portanto, não poderíamos acreditar nela. A isso, respondemos que, na verdade, não está; porém, da mesma forma, diremos que a palavra Trindade também não está na Bíblia; entretanto, acreditam piamente nela. Será possível que se utilizam de "dois pesos e duas medidas"?

Conceito

Tomemos da obra *Reencarnação baseada em fatos*, de autoria do suíço Karl E. Muller (1927-), que recebeu o Prêmio Nobel de Física em 1987, a seguinte explicação:

A palavra 'reencarnação' foi gradualmente aceita para transmitir a ideia da possibilidade de um espírito humano ou alma ter diversas vidas sobre a terra. De acordo com o dicionário inglês *Shorter Oxford*, foi usada pela primeira vez em 1.858, sendo definida como ato de encarnar novamente. Encarnar significa entrar na carne e reencarnar expressa o ato de entrar na carne outra vez. O ego humano separa-se do corpo físico após a morte e, após algum tempo, retorna a um corpo novo. O termo empregado na Grécia antiga era 'metempsicose', geralmente traduzido como a 'transmigração das almas'. É uma designação mais

genérica, pois não é limitada pelo renascimento num corpo humano, mas inclui a ideia, então aceita, de que a alma poderia renascer também num animal ou vegetal. (MULLER, 1986, p. 19).

É um fato singular que a palavra reencarnação tenha entrado pela primeira vez num dicionário no ano de 1858, exatamente um ano, no máximo, depois de Allan Kardec (1804-1869) ter publicado, em 18 de abril de 1857, a obra *O Livro dos Espíritos*, na qual a utiliza. Podemos, diante disso, atribuir ao Codificador do Espiritismo a sua criação, ou, na pior das hipóteses, a sua vulgarização.

É importante deixar claro que Kardec, seguindo instruções dos Espíritos superiores, não admitia a reencarnação da alma humana em corpos de animais, porquanto "Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente". (KARDEC, 2007a, p. 339).

O que se admite é que o princípio inteligente, que hoje anima um ser humano, veio de uma evolução progressiva, passando pelo reino animal; porém, seu progresso é ascendente, nunca volta a um estágio anterior pelo qual já passou. Mas isso é uma outra história, que não é o momento de desenvolvermos aqui. Aos interessados recomendamos o nosso livro *Alma dos Animais: Estágio anterior da alma humana?*, publicado pelo GEEC – Grupo Educação, Ética e Cidadania, de Divinópolis, MG (www.panoramaespirita.com.br).

Perguntas sem respostas

Há uma série de perguntas sem respostas se levarmos em conta ser a vida única, ou seja, não existir reencarnações nas quais o espírito ou alma, como queiram, possa progredir em conhecimento e moralidade.

Uma delas é: se nossos espíritos são criados no momento do nascimento, como explicar que numa mesma família os filhos são completamente diferentes uns dos outros, considerando que recebem dos pais a mesmíssima educação? Além disso, vê-se que muitas crianças não "morrem de amores" por um dos pais, o que nos leva a concluir que esse desamor foi algo que Deus colocou em seus corações.

A genialidade é outra coisa que deixa embaçados os antirreencarnacionistas, pois eles só podem explicá-la levando-se em conta que Deus estabelece privilégios, apesar desta afirmação em contrário: "*Deus não faz acepção de pessoas*" (Atos 10,34, 15,9; Romanos 2,11, Gálatas 2,6, Efésios 6,9, Colossenses 3,25 e 1Pedro 1,17)

Como explicar a utilidade da vida para todas aquelas crianças que nascem com deficiência mental? Por que umas nascem cegas, aleijadas, idiotas, e as mais variadas doenças degenerativas, enquanto milhares de outras nascem perfeitas?

Questionamentos desse tipo não passaram despercebidos por Kardec:

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que se caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1º Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?

2º Onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3º Onde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4º Onde, em certas crianças, o instituto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza,

contrastando com o meio em que elas nasceram?

5º Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6º Por que há selvagens e homens civilizados? [...]

[...]

Vimos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1ª Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2ª O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3ª O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4ª Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5ª Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se veem isentos das tribulações da vida?

(KARDEC, 2007a, p. 170-173).

Por mais que se queira encontrar as respostas, para todos esses questionamentos, na crença da unicidade da vida, não se logrará êxito, pois jamais podemos deixar de levar em conta que Deus é justo e o que dá para um, certamente, dará para todos.

Os judeus entre as nações

A primeira nação sob a qual os judeus estiveram subjugados foi, segundo a Bíblia, o Egito; leiamos a informação:

- Êxodo 12,40-41: "**A estada dos israelitas no Egito durou quatrocentos e trinta anos. No mesmo dia em que findavam os quatrocentos e trinta anos, os exércitos de Iahweh saíram do país do Egito**".

Não temos nenhuma dúvida de que seria completamente impossível que um povo totalmente subjugado a outro, pelo período de quatrocentos e trinta anos, perto de dez a doze gerações, considerando a perspectiva de vida da época, não absorvesse parte da cultura daquele que o dominava. É importante vermos se os egípcios acreditavam ou não na reencarnação, uma vez que isso é primordial para nosso estudo, pois comprovará que, além de crença muito antiga, os hebreus tiveram contato bem de perto com ela.

Recorreremos ao Dr. Hernani de Guimarães Andrade (1913-2003), que foi um dos poucos que, no Brasil, se dedicou à pesquisa sobre a reencarnação, que, em sua obra *Você e a reencarnação*, nos apresenta informações sobre a cultura do povo do Egito antigo:

O livro de Fontane, sobre o Egito, menciona uma referência ainda mais antiga da palingênese (3.000 a.C.):

"Antes de nascer a criança já viveu; e a morte não é o fim. A vida é um evento que passa como o dia solar que renasce". (Müller, 1970, p. 21).

(ANDRADE, 2002a, p. 22, grifo nosso).

Observe, caro leitor, a data mencionada – 3.000 anos a.C. – , prova a antiguidade dessa crença; portanto, não é algo novo criado pelos espíritas. Informamos: "*palingenesia* (ou

palingênese) que etimologicamente provém do grego: *palin* = de novo e *gignomai* = gerar, isto é: novo nascimento". (ANDRADE, 2002a, p. 19).

Se "antes de nascer a criança já viveu" estamos falando de reencarnação, na qual é fator importante a preexistência do espírito, princípio que daqui já se pode, seguramente, concluir, porquanto o "já viveu" se refere a uma vida antes do nascimento. Pela afirmativa de que "a morte não é o fim", podemos ver a confirmação de que a alma é imortal.

Por outro lado, a comparação com o Sol é bem interessante, pois a semelhança "de nascer e morrer" todos os dias nos dá uma ideia do que nos ocorre na reencarnação, ou seja, na essência, somos espíritos e por isso a nossa vida é única, apesar de nascermos e morrermos milhares de vezes, ou melhor, enquanto for necessário para atingirmos a perfeição possível a uma criatura de Deus.

Dessa obra do Dr. Hernani ainda podemos citar:

O sacerdote *Manethon* afirmava que a reencarnação era também dogma fundamental da religião egípcia. O *Papiro Anana* (1.320 a.C.) diz o seguinte:

"O homem retorna à vida várias vezes, mas não recorda de suas prévias existências, exceto algumas vezes em um sonho, ou como um pensamento ligado a algum acontecimento de uma vida precedente. Ele não pode precisar a data ou o lugar desse acontecimento, apenas nota serem-lhe algo familiares. No fim, todas essas vidas ser-lhe-ão reveladas".

(ANDRADE, 2002a, p. 21, grifo nosso).

A reencarnação, como dogma fundamental da religião egípcia, é algo que nem imaginávamos ser um importante fator cultural dos egípcios.

De tudo que encontramos, no teor desse papiro, o que mais se aproximou do que na Doutrina Espírita se advoga a respeito da reencarnação, foram as seguintes coisas: esquecimento do passado, lembrança de outras vidas em sonho, *déjà vu*, as experiências reencarnatórias como patrimônio do espírito que serão conectadas na época propícia.

Ramses Seleem (?-), mestre e doutor em História Egípcia, apresenta na obra *O livro dos mortos do antigo Egito*, transcrições de alguns papíros, entre os quais o de Hunefer e de Ani. Delas retiramos, por oportuno, os seguintes trechos:

a) Os Papíros de Hunefer (Hunefer foi escriba oficial e contador do Rei Maat-Men-Ra (Seti I), escrito por volta de 1.400 a.C.)

"A verdade manifesta-se pelas reencarnações". (item 31 da Prancha 8).

(SELEEM, 2003, p. 57,100 e 103, grifo nosso).

b) Papiro Ani (escrito por volta de 1.200-1.500 a.C.)

No papiro de Ani, (o chefe dos escribas do faraó Seti I) diz:

"[...] Os homens não vivem apenas uma vez e depois desaparecem para sempre; vivem inúmeras vidas em diferentes lugares, mas nem sempre neste mesmo mundo, e em meio a cada vida, há um véu de sombras. As portas finalmente se abrirão e veremos todos os lugares que nossos pés percorreram desde o princípio dos tempos. [...]"

(SELEEM, 2003, p. 14, grifo nosso).

Fantástica a afirmação de que "A verdade manifesta-se através das reencarnações", mais retumbante do que essa, não encontraremos.

A novidade no Papiro Ani é que se admite reencarnações em outros mundos. Na Doutrina Espírita temos a informação de que podemos, sim, reencarnar em outros planetas. Seguindo paralelamente à nossa evolução moral e espiritual, habitaremos planetas compatíveis com essa evolução conquistada, no decorrer de nossas reencarnações, tal e qual um aluno que, desejando evoluir, vai para um estabelecimento de ensino superior, por lhe ser o compatível com o nível de conhecimento, depois de ter concluído o ensino médio. E depois, se

quiser evoluir ainda mais, continua estudando extracurricularmente, como os bons profissionais o fazem.

Aqui, nesse tópico, fica demonstrada a crença dos egípcios na reencarnação, bem próximo das particularidades que, hoje, nós, os espíritas, vemos nela. E o fato dos hebreus, conforme dissemos, terem vivido por mais de quatro séculos nesse ambiente, leva-nos a supor que, facilmente, beberam nessa fonte.

Outros povos, que nos interessam nesse estudo, aos quais ficaram subjugados¹, foram:

- Babilônios de 586 a 538 a.C. (primeiro exílio)
- Persas de 538 a 333 a.C.
- Gregos de 332 a 142 a.C.
- Romanos de 63 a.C. a 313 d.C.

Provavelmente todos esses povos exerceram influência cultural sobre os judeus; entretanto, o que mais particularmente queremos apontar são os gregos. Em *História dos Hebreus*, temos a seguinte informação de Flávio Josefo (37-103 d.C.): “[...] abracei a seita dos fariseus, que se aproxima mais que qualquer outra da dos estoicos, entre os gregos”. (JOSEFO, 2003, p. 477).

Diante dessa afirmação de Josefo, cabe-nos, agora, descobrir o que pensavam os estoicos. Deles temos a seguinte informação:

[...] Vejamos o apologista e historiador Lactâncio, no século IV, expressando pensamento dos seus contemporâneos cristãos: **“Os pitagóricos e estoicos afirmavam que a alma não nasce com o corpo. Antes, eles dizem que ela foi introduzida no mesmo e que migra de um corpo para outro”**. (HESSEN, 2003, p. 27, grifo nosso).

Temos aqui a confirmação da possibilidade dos judeus terem absorvido a cultura grega, especificamente, dos estoicos que acreditavam que a alma “migra de um corpo para outro”, que não é outra coisa senão aquilo que entendemos por reencarnação. Se essa crença não fosse generalizada entre os judeus, não havia razão para acreditarem que Jesus poderia ter sido algum personagem bíblico do passado: Elias, Jeremias ou algum dos profetas (Mateus 16,14).

No Judaísmo a reencarnação é aceita?

Seguindo em frente, será de bom alvitre demonstrarmos que no judaísmo também se acredita na reencarnação.

Russell Norman Champlim (1933-) e J. M. Bentes (1932-), falando sobre a reencarnação, no pensamento hebreu, assim nos informa:

É perfeitamente possível que aquela indagação feita por Jó: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14:14), tenha sido uma especulação quanto à possibilidade da reencarnação. Não encontramos provas quanto a essa hipótese, entretanto. **Mas os escritores místicos da Cabala dos judeus ensinavam claramente o conceito da reencarnação.** A palavra “Cabala” significa “receber”, e se refere à tradição mística. É obscura a origem desse sistema. Porém, encontram-se evidências sobre temas cabalísticos, tanto na teosofia especulativa quanto na taumaturgia prática, na literatura apócrifa e apocalíptica dos hebreus, evidências essas abundantes na *literatura talmúdica e midrâshica*. O desenvolvimento dos escritos cabalísticos prolongou-se por certo número de séculos. Ao longo do processo, foram sendo incorporados elementos provenientes do gnosticismo, do neoplatonismo e do neopitagoreanismo (e, quiçá, do zoroastrismo e do sufismo). De 550 a 1000 d. C., a Cabala passou por um desenvolvimento sistemático. O seu mais significativo volume veio a ser o Zohar, divulgado por Moisés de Leão, em 1200. Com o advento do Zohar, o estudo da Cabala propagou-se entre as massas populares, pelo que essa forma

1 <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/israel/historia-de-israel.php>, acesso em 05.02.2012 às 09:45hs.

de misticismo deixou de ser uma doutrina privada, mas tornou-se largamente difundida. A Cabala jamais sentiu a restrição da "letra que mata", e a Bíblia passou a ser interpretada não apenas literalmente, mas também, alegoricamente, homileticamente, e mesmo misticamente.

Antes do desenvolvimento formal da Cabala o judaísmo passou a contar com alguns elementos que foram os proponentes da ideia da reencarnação. Josefo revela-nos claramente que as escolas dos fariseus, em seus dias, ensinavam tal doutrina. Os teólogos-filósofos judeus diretamente influenciados pelo platonismo, como *Filo* (30 a.C.-50 d.C.) faziam da reencarnação uma parte importante dos seus sistemas. **É provável que o neoplatonismo tenha exercido influencia sobre os fariseus da época de Jesus**, bem como sobre o desenvolvimento dos escritos cabalísticos, pelo menos até certo ponto. Deveríamos acrescentar, entretanto, que, excetuando o caso dos estudiosos da Cabala, o conceito da reencarnação nunca produziu qualquer efeito duradouro sobre o pensamento judaico. (CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 585, grifo nosso).

Socorre-nos, ainda, o escritor Severino Celestino da Silva (1949-) que, se referindo à crença dos hebreus, cita a seguinte fala do Rabino Ariele Kaplan: "Não é possível entender a Cabalá sem acreditar na eternidade da alma e suas reencarnações". (SILVA, 2001, p. 159).

Cabala ou Cabalá como alguns a escrevem, segundo o dicionário *Houaiss*, significa:

Sistema filosófico-religioso judaico de origem medieval (sXII-XIII), mas que integra elementos que remontam ao início da era cristã [Compreende preceitos práticos, especulações de natureza mística, esotérica e taumatúrgica; afirma que o universo é uma emanção divina, tendo grande importância a interpretação e deciframento dos textos bíblicos (Antigo Testamento).].

Na entrevista *Conceitos do Judaísmo*, publicada pela revista *Coleções Religiões do Mundo: Judaísmo*, os autores Victor Rebelo (1976-) e Érika Silveira (1973-) fornecem outra fonte que vem corroborar essa crença, que é o Prof. Abrão Bernardo Zweiman (1957-), presidente de uma sinagoga localizada no bairro Bom Retiro, em São Paulo (SP), administrador dos cemitérios israelitas de São Paulo e diretor das Faculdades Renascença, respondendo à pergunta: "**Então, para os judeus, existe a reencarnação?**" (grifo nosso) disse-lhes:

Acreditamos na reencarnação e, também, na ressurreição dos mortos. **Sob a ótica do judaísmo, a reencarnação não tem um momento preciso que conheçamos, mas entendemos que a alma, durante sua existência, passa por um estado de aperfeiçoamento eterno.** Passar pelo mundo terreno para adquirirmos experiências das coisas, sentimentos, valores e sensações físicas **é necessário para nosso aperfeiçoamento e nossa aproximação de Deus.** Agora, ressurreição dos mortos é algo que viria estritamente com a chegada do Messias, seria o momento em que todos os mortos se reergueriam de suas sepulturas. Explicando melhor, parte dessas almas retornaria para dar vida aos corpos de que se utilizaram.

Segundo os conceitos judaicos, a alma poderia estar reencarnada, entretanto, na chegada do Messias, ele animaria todos os outros corpos pelos quais já passou. Acreditamos ainda que a alma não é simples mente humana, o que significa que, em **um estágio anterior, ela pode ter vivido em outros reinos, como o mineral, o vegetal ou o animal, podendo reanimá-los também.** (REBELO e SILVEIRA, s/d, p. 23-24, grifo nosso).

Bem definida a reencarnação como algo que "é necessário para nosso aperfeiçoamento e nossa aproximação de Deus", exatamente de conformidade com o que acreditamos no Espiritismo. E, aproveitando o momento, é interessante ressaltar que, para nós, os espíritas, reencarnamos não para pagar, mas para evoluirmos e nos aproximarmos de Deus, conforme o que também se pensa a respeito no judaísmo, segundo nos informa o Prof. Abrão Bernardo.

Quanto ao estágio anterior da alma, no Espiritismo aceita-se que o princípio inteligente veio evoluindo através de experiências em outros reinos da natureza, especialmente, o reino animal. Entretanto, como dito, o princípio inteligente uma vez animando um ser humano, não mais voltará a condições anteriores, porquanto, isso seria retrogradar.

Não podemos deixar de demonstrar que, bem próximo à época em que Jesus viveu, iremos encontrar a crença na reencarnação como fazendo parte do dia a dia dos judeus, se não de todos eles, pelo menos de um grupo de suas três correntes religiosas – saduceus, fariseus e essênios. Vejamos, o que nos informou o Dr. Hernani Guimarães, na obra já citada:

Flavius Josephus (37 a 103 a. D.), intelectual e historiador judeu que, em sua famosa obra *De Bello Judaico*, faz a seguinte advertência aos soldados que preferiam desertar, suicidando-se:

"Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem no mais humilde dos lugares celestiais, e que **no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes?** Mas que as almas daqueles que cometeram suicídio serão atiradas às regiões trevosas do mundo inferior? (Josephus, 1910)".

(ANDRADE, 2002a, p. 28, grifo nosso).

Ao consultarmos a obra *História dos Hebreus*, encontramos Flávio Josefo falando dos fariseus, grupo ao qual pertencia, afirmando que: "Eles julgavam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que **outras voltam a esta**". (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).

Percebe-se que a reencarnação, nessa visão, seria um prêmio aos virtuosos, enquanto que a pena das almas dos viciosos era a de ficarem retidas prisioneiras no outro mundo, o que, certamente, difere da forma em que na Doutrina Espírita se vê isso.

Confirmando a crença na reencarnação dos judeus contemporâneos de Jesus, podemos ver em algumas passagens dos Evangelhos, nas quais vê-se que pensavam que ele poderia ser João Batista, Elias, Jeremias ou alguns dos profetas (Mateus 16,13-14, Marcos 6, 14-15; 8,27-28-, Lucas 9,7-8, 18-19).

Isso prova que os judeus acreditavam, sim, na reencarnação, pois, excetuando-se João Batista, por ter sido contemporâneo de Jesus, todos os outros personagens mencionados somente via reencarnação poderiam animar o corpo de Jesus, cujo pai e mãe todos conheciam. Tem que ser muito cego para não ver isso!

Russell Norman Champlin (1933-) e J. M. Bentes (1932-), também confirmam isso ao falarem sobre a reencarnação no pensamento cristão:

Nas páginas do Novo Testamento existem diversas referências que quase certamente refletem a crença na reencarnação, por parte dos judeus, nos dias de Jesus, bem como por parte de certos primitivos cristãos. Essa ideia, entretanto, não penetrou no sistema como um dogma. (Informação sobre a reencarnação, artigos das enciclopédias, *Britannica*, *Americana* e *Encyclopedia of Religion*, Vergilius Ferm, editor). (CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 585, grifo nosso).

Sigamos em frente.

O que podemos encontrar na Bíblia?

Munido dessas informações, vamos, a partir de agora, ver o que se encontra na Bíblia sobre a reencarnação. Podemos observar, como será demonstrado, que, além da reencarnação, mais três princípios, a ela relacionados e defendidos pelo Espiritismo, estão nela. São eles:

- 1º) a preexistência;
- 2º) a lei de causa e efeito; e
- 3º) a lei do progresso.

Trazemos, na sequência, para justificá-los, vários passos bíblicos, nos quais faremos alguns destaques, visando chamar a atenção do trecho em que se evidenciam esses princípios:

1º) Preexistência

- Tobias 6,18: "... Antes de se unir a ela, levantem-se os dois e rezem, pedindo ao Senhor do céu que tenha misericórdia e proteja vocês. Não tenha medo. Ela foi destinada a você desde a eternidade, e *você é quem vai salvá-la*".
- Salmos 51,7: "*Eis que eu **nasci na culpa**, e minha mãe já me concebeu pecador*".
- Eclesiastes 3,15: "**O que existe, já havia existido; o que existirá, já existe, e Deus procura o que desapareceu**".
- Sabedoria 8,19: "*Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ou melhor, **sendo bom, vim a um corpo sem mancha***".
- Isaías 49,1: "Nações marinhas, ouvi-me, povos distantes, prestai atenção: o Senhor **chamou-me antes de eu nascer**, desde o ventre de minha mãe ele tinha na mente o meu nome; (²)
- Jeremias 1,4-5: "*Recebi a palavra de Javé que me dizia: '**Antes de formar você no ventre de sua mãe, eu o conheci**; antes que você fosse dado à luz eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações*".
- João 8,58: "Jesus respondeu: '*Eu garanto a vocês: **antes que Abraão existisse, eu sou***".
- João 17,5: "*E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, como **a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse***".
- Efésios 1,3-4: "*Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: Ele nos abençoou com toda bênção espiritual, no céu, em Cristo. **Ele nos escolheu em Cristo antes de criar o mundo para que sejamos santos e sem defeito diante dele, no amor***".

2º) Lei de Ação e reação

- Levítico 24,20: "*Se alguém ferir o seu próximo, deverá ser feito para ele aquilo que ele fez para o outro: fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. **A pessoa sofrerá o mesmo dano que tiver causado a outro***".
 - Jó 4,8: "*Eu vi bem: **aqueles que cultivam a desgraça e semeiam o sofrimento são também os que os colhem***".
 - Jó 5,7: "***E o homem gera seu próprio sofrimento**, como as faíscas voam para cima*".
 - Jó 34,11: "***Deus paga ao homem conforme as suas obras e retribui a cada um conforme a sua conduta***".
- Mateus 16,27: "*Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então **retribuirá a cada um segundo suas obras***".
- Mateus 26,52: "*Jesus, porém, lhe disse: '**Guarde a espada na bainha. Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão***".
 - João 5,14: "*Você ficou curado. **Não peque de novo, para que não lhe aconteça alguma coisa pior***". (ao doente que se encontrava deitado numa cama há trinta e oito anos).
 - João 8,34: "Jesus respondeu: '*Eu garanto a vocês: **quem comete o pecado, é escravo do pecado***".
 - 2Coríntios 5,10: "*De fato, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que **cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua***

vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal”.

- 2 Coríntios 9,6: *“Saibam de uma coisa: quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há de colher, quem semeia com generosidade, com generosidade há de colher”.*
- Gálatas 6,7: *“Não se iludam, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado”.*

3º) Lei do Progresso

- Mateus 5,48: *“Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu”.*
- Efésios 4,13: *“A meta é que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para chegarmos a ser o homem perfeito que, na maturidade do seu desenvolvimento, é a plenitude de Cristo”.*
- Mateus 11,11: *“Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, no entanto, o menor no Reino do Céus e maior do que ele”.*
- João 16,12-13: *“Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontecer”.*

Certamente que, em alguns dos passos acima, cada um dos princípios a eles relacionados, podem não estar muito claro para quem não acredita na reencarnação; porém, aos que nela creem é fato evidente.

Vejamos a explicação de Carlos Torres Pastorino (1910-1980) para Mateus 11,11:

Os gnósticos distinguiram dois graus de evolução: os “nascidos de mulher” ou “filhos de mulher” e os “filhos do homem”.

Os “filhos de mulher” são os que ainda estão sujeitos à reencarnação cármica, obrigados a renascer através da mulher, sejam eles involuídos ou evoluídos. Neste passo declara Jesus que dentre todos os que estão ainda sujeitos inevitavelmente ao *kyklos anánke* (ciclo fatal) da reencarnação, o Batista é o maior de todos. (PASTORINO, 1964c, p. 15)

Especificamente, em relação à reencarnação, achamos melhor, por julgarmos mais didático, separá-la entre os textos do Antigo e do Novo Testamento.

a) Reencarnação no Antigo Testamento

Vejamos algumas passagens que nos remetem à ideia da reencarnação, embora, também aqui, algumas vezes, pode não ser algo muito claro para os antirreencarnacionistas.

- Êxodo 34,6-7: *“Iahweh! Iahweh... Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade; que guarda sua graça a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado, mas a ninguém deixa impune e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos até a terceira e a quarta geração”.* (ver tb Ex 20,5-6 e Dt 24,9-10).

Como admitir um “Deus de ternura e de piedade” castigando quem não cometeu o crime? Que justiça avessa é essa? É totalmente fora de propósito alguém ser penalizado pelo erro de outro; nem a justiça humana, sabidamente falha, aplica tal dispositivo; que dirá da divina...

É importante temos este texto pelo que consta na Tora:

Êxodo 34,6-7: “Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o pecado que não faz

penitência; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, sobre terceiras e quartas gerações.” (A Lei de Moisés TORA, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, Ed. e Liv. Sêfer, 2001).

Observe, caro leitor, que na Tora, da qual se originaram as Bíblias cristãs, encontramos “sobre”, que muito bem pode ser entendido como “na” e não “até”, como querem nos fazer crer os tradutores bíblicos.

Esse passo pode até não “falar” sobre reencarnação; entretanto, com uma capciosa mudança da preposição, buscou-se retirar dela qualquer coisa que pudesse levar a essa crença. Estamos falando da preposição “**na**” do texto latino de S. Jerônimo (340-420) – Vulgata³ –, alterado para “**até**” na tradução. É importante confirmarmos essa mudança, para isso transcrevemos apenas o versículo 7, já que é o que nos interessa:

Êxodo 34,7: “*qui custodis misericordiam in milia qui auferis iniquitatem et scelera atque peccata nullusque apud te per se innocens est qui reddis iniquitatem patrum in filiis ac nepotibus in tertiam et quartam progeniem*”. (Site Bíblia Católica Online).

Usando-se a preposição “na”, o texto nos abre hipótese para a reencarnação, pois a justiça divina atingirá ao próprio infrator, que estará reencarnado na terceira ou na quarta geração, ou seja, como seu próprio bisneto ou trineto. Aliás, seguramente, ele pode vir até mesmo como seu próprio neto; vai depender do espaço de tempo entre sua morte e o nascimento desse futuro descendente.

Os que mudaram a preposição “na” para “até”, não foram bastantes espertos para evitar que essa mudança não causasse conflito com outra passagem, qual seja:

- Deuteronômio 24,16: “*Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais. Cada um será executado por seu próprio crime*”. (ver tb Ez 18,20).

Na verdade, acreditamos que o teor desse passo (Ex 34,6-7) coloca em evidência a mudança realizada na preposição, visando “apagar” qualquer vestígio que pudesse levar à crença na reencarnação. Aqui a justiça se expressa de forma lógica, ou seja, o próprio infrator é quem sofre a pena.

Vejam as passagens seguintes:

- 1 Samuel 2,6: “*É Iahweh quem faz morrer e viver, **faz descer ao Xeol e dele subir***”.

- Salmo 30,4: “*Iahweh, tiraste minha vida do Xeol, **tu me reavivaste dentre os que descem à cova***”.

- Salmo 49,15-16: “*São como o rebanho destinado ao Xeol, a morte os leva a pastar, os homens retos os dominarão. Pela manhã sua imagem desaparece; o Xeol é a sua residência. Mas **Deus resgatará a minha vida das garras do Xeol, e me tomará***”.

- Salmo 71,20-21: “*Fizeste-me ver tantas angústias e males, **tu voltarás para dar-me vida, voltarás para tirar-me dos abismos da terra, aumentarás minha grandeza, e me consolarás de novo***”.

- Salmo 86,12-13: “*Eu te agradeço de todo o coração, Senhor meu Deus, darei glória ao teu nome para sempre, pois é grande o teu amor para comigo: **tiraste-me das profundezas do Xeol***”.

Esses passos nos quais constam a palavra xeol (= abismos) se justifica, pois, para os judeus, a crença era a de que todos os mortos iriam para lá. Ora, se Deus “resgata” ou “tira” alguém dele não é de todo impróprio acreditar ser apenas pela via da reencarnação, quando dá-lhe nova vida, levando-se em conta que eles acreditavam que os virtuosos voltariam a um novo corpo. Sabemos ser difícil a um crente, contrário à reencarnação, aceitar isso; mas o que se há de fazer, não é mesmo? Valendo-nos de Jesus, diremos: “*Quem tiver ouvidos, ouça*”. (Mt

³ *Vulgata*: Tradução da Bíblia feita por S. Jerônimo entre 385 e 405 d.C., em parte dos originais gregos, hebraicos e aramaicos, em parte aproveitando traduções latinas anteriores. Chama-se “Vulgata” por ter sido traduzida para linguagem então falada pelo povo no Império Romano. Esta tradução tornou-se o texto que a Igreja Católica usa em seus documentos oficiais. [...] (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1539).

11,15).

O profeta Malaquias, que viveu cerca de 400 a.C., faz uma previsão da volta de Elias, profeta que viveu no tempo de Acab, rei de Israel (873 a 854 a.C.), da seguinte forma:

- Malaquias 3,1.23-24: "**Eis que enviarei o meu mensageiro** para que prepare um caminho diante de mim. Eis que vos **enviarei Elias, o profeta**, antes que chegue o Dia de Jahweh, grande e terrível. Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema".

Este livro é o último que consta do Antigo Testamento. A profecia de que Elias teria outra reencarnação será confirmada, quando, a seguir, estivermos estudando os passos do Novo Testamento.

b) Reencarnação no Novo Testamento

É certo que não encontraremos a palavra reencarnação no Novo Testamento; aliás, em parte alguma da Bíblia, conforme já falamos; porém, há uma palavra que contextualmente dará a ideia de voltar a viver num novo corpo, que não é outra coisa senão o que entendemos por reencarnar. Por isso é necessário que, antes, vejamos o significado da palavra "ressurreição", já que é esse o termo que aparece nos textos bíblicos.

Diz-nos o *Aurélio* que ressurreição significa:

S. f. 1. **Ato ou efeito de ressurgir ou ressuscitar; ressurgência.** 2. Rel. Festa católica comemorativa da ressurreição de Cristo, ao terceiro dia após a morte: 3. Fam. Cura surpreendente e imprevista. 4. Fig. Vida nova; renovação, restabelecimento. 5. Quadro que representa a ressurreição de Cristo. 6. Rel. **Na doutrina cristã, o surgir para uma nova e definitiva vida, distinta e, em certa medida, oposta à existência terrestre, e que, a partir da ressurreição de Cristo, aguarda todos os fiéis cristãos.** (grifo nosso).

Nada nos faz crer que somente os cristãos ressuscitarão, conforme se deduz dessa explicação; certamente, quem acredita nisso está "viajando na maionese", usando-nos de uma expressão popular. Comungamos com "ressurreição para todos" que é a doutrina pregada por Cristo, que tem caráter universalista, e que todos os seres humanos podem se valer dela para sua evolução pessoal.

Segundo esse mesmo dicionário, ressuscitar significa:

V. t. d. 1. Fazer voltar à vida; reviver, ressurgir. 2. Restaurar, renovar, reproduzir: V. int. 3. Voltar à vida; tornar a viver; reviver, ressurgir. 4. Tornar a surgir; reaparecer, ressurgir: 5. Escapar de grande perigo.

Então, podemos concluir que ressurreição é a ocorrência que faz voltar à vida, tornar a viver ou reviver, quem passou pelo derradeiro momento da morte física. Nesse conceito, mais abrangente, podemos também considerar como ressurreição a volta do Espírito à sua condição anterior no plano espiritual, ou seja, estamos falando da ressurreição do espírito.

Tomando-se dos textos bíblicos, vamos ver qual era o entendimento dos judeus para o termo "ressuscitar", uma vez que, numa análise mais coerente, é preciso levar em conta o que determinada palavra significava à época e não como a entendemos na atualidade. Encontramos os seguintes significados:

- a) Voltar à vida no mesmo corpo;
- b) Voltar à vida em outro corpo (= reencarnação);
- c) Ressurgir em espírito;
- d) Ressurgir em espírito influenciando um encarnado.

Vejamos como esses significados são facilmente identificados nos textos bíblicos, constantes do Novo Testamento.

a) Voltar à vida no mesmo corpo

Três personagens bíblicos conseguiram esse feito; são eles:

- Jesus: a filha de Jairo (Mt 9,24), o filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) e Lázaro (Jo 11,1-44).
- Pedro: citado por ter ressuscitado a jovem chamada Tabita (At 9,36-40).
- Paulo: que fez voltar à vida o menino Êutico, que havia morrido após ter caído de uma janela (At 20,9-12).

A questão que colocamos é: Será que, de fato, nesses casos, houve propriamente uma morte?

Devemos observar, por exemplo, que, no caso da filha de Jairo, Jesus disse: *"a menina não morreu, está dormindo"* (Mt 9,24; Mc 5,39 e Lc 8,52).

Em relação a Lázaro (Jo 11,1-44) a coisa é mais complicada, pois, apesar de Jesus ter afirmado que *"esta doença não é para a morte"* e *"nosso amigo Lázaro dorme"*, o texto bíblico, a partir do versículo 13 a 16, apresenta uma contradição dizendo que se trata de morte mesmo. Ora, isso, a nosso ver, foi um acréscimo ao texto original, objetivando justificar a tese da ressurreição corporal. Se o retirarmos da passagem não haverá solução de continuidade na narrativa.

João 11,1-44:

- 1-12: *"Um tal de Lázaro tinha caído de cama. Ele era natural de Betânia, o povoado de Maria e de sua irmã Marta... Então as irmãs mandaram a Jesus um recado que dizia: 'Senhor, aquele a quem amas está doente'. Ouvindo o recado, Jesus disse: 'Essa doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela'. Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. Quando ouviu que ele estava doente, ficou ainda dois dias no lugar onde estava. Só então disse aos discípulos: 'Vamos outra vez à Judeia'.... Jesus... acrescentou: 'O nosso amigo Lázaro adormeceu. Eu vou acordá-lo'. Os discípulos disseram: 'Senhor, se ele está dormindo, vai se salvar'.*
- 13-16: *Jesus se referia à morte de Lázaro, mas os discípulos pensaram que ele estivesse falando de sono natural. Então **Jesus falou claramente para eles: 'Lázaro está morto. E eu me alegro por não termos estado lá, para que vocês acreditem. Agora, vamos para a casa dele'. Então Tomé, chamado Gêmeo, disse aos companheiros: 'Vamos nós também para morrermos com ele'.***
- 17-44: *Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro estava no túmulo. Betânia ficava perto de Jerusalém; uns três quilômetros apenas... Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi ao encontro dele... disse a Jesus: 'Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido...' Jesus... disse: 'Onde vocês colocaram Lázaro?' Disseram: 'Senhor, vem e vê'. ... Jesus... chegou ao túmulo. Era uma gruta, fechada com uma pedra. Jesus falou: 'Tirem a pedra'. Marta, irmã do falecido, disse: 'Senhor, já está cheirando mal. Faz quatro dias'. Jesus disse: 'Eu não lhe disse que, se você acreditar, verá a glória de Deus?' Então tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e... gritou bem forte: 'Lázaro, saia para fora!' O morto saiu...".*

Você, caro leitor, pode comprovar que se trata mesmo de um acréscimo, basta ler os versículos 1 a 12 e depois vá direto para os de 17 a 44, e verá que o texto fica totalmente inteligível, como se nada lhe tivesse sido cortado.

Curioso que, no texto, Tomé é decidido, quando, em outro momento, vacilou em aceitar a ressurreição de Jesus, dizendo que só acreditaria se tocasse os dedos nas marcas dos pregos nas mãos de Jesus e também tocasse em sua chaga, conforme nos narra o Evangelho de João (20,24-29).

Trazemos a opinião de Kardec sobre as ressurreições operadas por Jesus, na qual ele também cita o caso de Lázaro:

39. – Contrário seria às leis da Natureza e, portanto, milagroso, o fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto. Ora, não há mister se recorra a essa ordem de fatos, para ter-se a explicação das ressurreições que Jesus operou.

Se, mesmo na atualidade, as aparências enganam por vezes os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde nenhuma precaução se tomava contra eles e onde o sepultamento era imediato (1). É, pois, de todo ponto provável que, nos **dois casos acima, apenas síncope ou letargia houvesse**. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: *Esta menina, disse ele, não está morta, está apenas adormecida*.

Dado o poder fluídico que ele possuía, nada de espantoso há em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispirítico ainda se não rompera definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo desde que deixara de respirar, havia ressurreição em casos tais; mas, o que **na realidade havia era cura e não ressurreição, na acepção legítima do termo**.

40. - **A ressurreição de Lázaro**, digam o que disserem, de nenhum modo infirma este princípio. Ele estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; **sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais**. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida. E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como o sabia ela? Por haver já quatro dias que Lázaro fora enterrado, ela o supunha; nenhuma certeza, entretanto, podia ter. (Cap. XIV, nº 29.)

(1) Uma prova desse costume se nos depara nos Atos dos Apóstolos, cap. V, vv. 5 e seguintes.

"Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito e todos os que ouviram falar disso foram presas de grande temor. – Logo, alguns rapazes lhe vieram buscar o corpo e, tendo-o levado, o enterraram. – Passadas umas três horas, sua mulher (Safira), que nada sabia do que se dera, entrou. – E Pedro lhe disse... etc. – No mesmo instante, ela lhe caiu aos pés e rendeu o Espírito. Aqueles rapazes, voltando, a encontraram morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido."

(KARDEC, 2007e, p. 379-381, grifo nosso).

É mais lógico admitir que mesmo tendo sido enterrado, na realidade, não houve a morte de Lázaro, seguiam os rituais da época, em que o morto era enterrado imediatamente. Essa é a razão pela qual Jesus conseguiu despertá-lo do "sono".

Explicação de Kardec para letargia:

A letargia e a catalepsia têm o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra em que, **na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente**, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética. (KARDEC, 2007a, p. 260, grifo nosso).

Na obra *Parapsicologia: uma visão panorâmica* o Dr. Hernani, por sua vez, define como catalepsia o que Kardec definiu como letargia, o que pode ter decorrido da confusão dos termos ou, quem sabe, de as definições, com o tempo, terem sido mudadas. Vejamos:

A CATALEPSIA

A catalepsia é um estado envolvendo a súbita suspensão da sensação e da volição, bem como a parada parcial das funções vitais. Ocorre, ao mesmo tempo, uma modificação no corpo do paciente; este se torna rígido e sua aparência pode ser confundida com a de uma pessoa morta. Na maioria das vezes, o indivíduo fica inconsciente durante o transe cataléptico. Em outras ocasiões, o paciente manifesta intensa excitação mental, por ações e palavras aparentemente voluntárias. **O ataque cataléptico tem duração variável, indo de alguns minutos a vários dias**. Ele pode repetir-se por

qualquer motivo insignificante, se não houver resistência por parte do paciente.

Perturbações do sistema nervoso, geralmente provocadas por emoções fortes e prolongadas, um susto ou um medo violento chegam a produzir o estado cataléptico. Alguns pequenos animais podem ser postos em catalepsia, por meio de manobras físicas. (ANDRADE, 2002b, p. 45, grifo nosso).

Levando-se em conta essas duas explicações, então, podemos, seguramente, dizer que Lázaro não morreu, apenas passou por estado de letargia ou de catalepsia, saindo dele após Jesus o ordenar que saísse para fora do túmulo.

O que mais vemos, de forma quase que generalizada, entre os crentes é a vontade deles em manter certos fatos à conta de milagres, pois, para eles, Deus é mais poderoso quando os produz. O filósofo holandês Baruch de Espinosa (1632-1677), tece alguns comentários a respeito desse assunto, que, de tão oportunos, não podemos deixar de citá-los:

[...] O vulgo, com efeito, pensa que a providência e o poder de Deus nunca se manifestam tão claramente como quando parece acontecer algo de insólito e contrário à opinião que habitualmente faz da natureza, em especial se resultar em seu proveito ou vantagem. [...]. (ESPINOSA, 2003, p. 95).

[...] E, de fato, isso agradou de tal maneira aos homens que, até hoje, ainda não pararam de inventar milagres para fazer crer que Deus os ama a eles mais do que aos outros e que são a causa final que levou Deus a criar e a reger continuamente todas as coisas. De quanta presunção se arroga a insensatez do vulgo, que não tem de Deus nem da natureza um só conceito que seja correto, que confunde as volições de Deus com as dos homens e que, ainda por cima, imagina a natureza de tal modo limitada que acredita ser o homem a sua parte principal! (ESPINOSA, 2003, p. 96).

E, questionando a realidade dos milagres, arremata categórico:

[...] Sem, por conseguinte, acontecesse na natureza algo que repugnasse à suas leis universais, repugnaria, necessária e igualmente, ao decreto, ao entendimento e à natureza de Deus; por outro lado, se admitíssemos que Deus faz alguma coisa contrária às leis da natureza, seríamos também obrigados a admitir que Deus age em contradição com a sua própria natureza, o que é um absurdo. [...] (ESPINOSA, 2003, p. 97)

Se querem fazer de Jesus um ser especial porque ele ressuscitou Lázaro, então, outros personagens também deveriam participar disso. Podemos, por exemplo, citar Pitágoras (c. 572-c.490 a.C.) que, "ao regressar à Grécia, começou a pregar a sabedoria que aprendera, fazendo milagres, **ressuscitando os mortos** e fazendo oráculos" (TIMOTHY e GANDY, 2002, p. 29), Empédocles (c. 490-c.430 a.C.), discípulo de Pitágoras, dizia-se que "**ressuscitou uma mulher** que já estava morta há trinta dias (TIMOTHY e GANDY, 2002, p. 44) e, por fim, Apolônio de Tiana (2 a.C.-c.98), que "foi um outro deus-homem que curava os doentes, predizia o futuro e **ressuscitava os mortos**" (TIMOTHY E GANDY, 2002, p. 44).

Apolônio, segundo Timothy e Gandy, "embora não fisicamente presente, dizia-se que ressuscitara a filha de um cônsul romano exactamente da mesma forma como se diz que Jesus ressuscitou a filha de Jairo, um presidente da sinagoga, sem sequer a visitar" (TIMOTHY E GANDY, 2002, p. 44).

Dos três citados o mais relevante deles é Apolônio de Tiana, exactamente, porque foi contemporâneo de Jesus. O relato desse caso irá nos ajudar a entender o que realmente aconteceu a Lázaro; quem nos dá informação dele é G. R. S. Mead (1863-1933).

Mead, em sua obra *Apolônio de Tiana: sábio, profeta e renovador dos mistérios*, menciona um caso, que transcrevemos:

Por outro lado, o relato da "restauração à vida", por Apolônio, de uma moça de estirpe nobre em Roma, é feito com grande moderação. Nosso filósofo parece ter encontrado o cortejo fúnebre por acaso. Então, acercou-se do caixão e, depois de dar alguns passes magnéticos sobre a jovem e pronunciar algumas palavras inaudíveis, "**despertou-a de sua aparente morte**". Porém, diz Dâmis,

“se **Apolônio notou que a centelha da alma ainda residia nela**, o que os amigos dela não tinham conseguido perceber – pois, eles disseram que estava caindo uma chuva fina e uma leve névoa pairava sobre o rosto dela – ou se ele **fez com que a chama da vida esquentasse outra vez, reanimando-a assim**”, nem ele nem nenhum dos presentes podia dizer (iv 45). (MEAD, 2007, p. 104, grifo nosso).

A fonte de Mead é Flavius Filostrato (*cir.* 175-245 d.C.), autor da única biografia de Apolônio (MEAD, 2007, p. 55). Dâmis, citado na transcrição, foi o inseparável discípulo de Apolônio, em cujos relatos Filostrato, por sua vez, apoiou-se (MEAD, 2007, p. 10).

Então, temos que Dâmis afirma que Apolônio, ao ressuscitar a jovem, na verdade, “despertou-a de sua aparente morte”. Ele não soube a razão de Apolônio ter feito isso; se pelo motivo dele ter visto “que a centelha da alma ainda residia nela” ou se somente “fez com que a chama da vida esquentasse outra vez, reanimando-a assim”; porém, de qualquer forma, fica claro que não a considerava morta. Ora, como isso aconteceu exatamente na mesma época de Jesus, não poderia ter sido esse também o caso do nosso amigo Lázaro? Aliás, nem atestado médico comprovando a sua morte temos.

b) Voltar à vida em outro corpo (= reencarnação)

Aqui, não há dúvida, de que voltar à vida em outro corpo é, nada mais, nada menos, do que aquilo que nós, espíritas, entendemos por reencarnação.

- Lucas 9,7-9: “O tetrarca Herodes, porém, ouviu tudo o que se passava, e ficou muito perplexo por alguns dizerem: **‘É João que foi ressuscitado dos mortos’; e outros: ‘É Elias que reapareceu’; e outros ainda: ‘É um dos antigos profetas que ressuscitou’**. Herodes, porém, disse: ‘A João eu mandei decapitar. Quem é esse, portanto, de quem ouço tais coisas?’ E queria vê-lo”.

Se diziam que Jesus podia ser Elias ou um dos antigos profetas isso só poderia acontecer porque acreditavam que esses personagens poderiam voltar a uma nova vida em outro corpo, o que seria, para nós, reencarnar. Apenas no caso de João Batista isso não seria possível, visto ele ter sido contemporâneo de Jesus; segundo Shimon Gibson (?-), a diferença de idade entre eles era de seis meses, cita Lucas 1,16, como base (GIBSON, 2008, p. 146) seria de, no máximo, um ano e meio. Mas que fica claro que acreditavam na reencarnação, isso é um fato, embora encontremos os antirreencarnacionistas negando.

Na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo IV – Ninguém poderá ver o reino dos céus se não nascer de novo, Kardec tece os seguintes comentários:

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. **As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo**. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. **Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação***. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. **A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo**. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. **João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado**. (KARDEC, 1982, p. 88, grifo nosso).

Totalmente coerentes essas observações de Kardec, que são corroboradas por tudo quanto pudemos levantar nesse estudo, tomando como base a cultura egípcia, a crença dos

próprios judeus e os textos bíblicos, incluindo os que ainda serão vistos a partir daqui.

c) Ressurgir em Espírito

Primeiramente, é oportuno indagar: Qual foi a ressurreição pregada por Jesus: a da carne ou a do Espírito?

Para responder essa questão é bom vermos o que Jesus respondeu aos saduceus, negadores da ressurreição, sobre uma mulher que, para cumprir a lei mosaica, teve que se casar com os sete irmãos. A dúvida deles era: quando da ressurreição, ela seria mulher de qual dos irmãos? A isso respondeu Jesus:

- Lucas 20,34-36: *"As pessoas deste mundo se casam. Contudo, as que são julgadas dignas de ter parte naquele mundo e na ressurreição dos mortos, lá não se casam. E já não podem morrer outra vez, porque **são iguais aos anjos** e filhos de Deus, sendo participantes da ressurreição"*.

Se na ressurreição dos mortos todos "são iguais aos anjos", isso significa que, após a morte, todos se tornarão seres espirituais; daí não se justificar mais o casamento, que é coisa para os que possuem corpos materiais.

Ademais se Jesus disse que *"O espírito é que dá vida, a carne de nada serve"* (Jo 6,63), isso só vem reforçar a nossa natureza como sendo a espiritual.

Por outro lado, partindo do princípio de que *"Deus é Espírito"* (Jo 4,24) e que somos a Sua imagem e semelhança, é inevitável concluirmos que, na verdade, somos também Espíritos.

Seguindo a leitura desse passo de Lucas, temos:

- Lucas 20,37-38: *"E que os mortos ressuscitem, é Moisés quem dá a conhecer através do episódio da Sarça Ardente, quando chama ao Senhor: o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, **Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; para ele, então, todos são vivos"***.

Considerando que, na narrativa, se afirma de Abraão, Isaac e Jacó que "todos são vivos", é de se supor que, se eles são vivos, logicamente o são em Espírito. E, pela comparação de Jesus, pode-se concluir que eles já ressuscitaram (surgiram de novo, novamente) no mundo dos espíritos, ou seja, estão vivendo a vida do Espírito; por isso não morrem mais. Assim, entendemos que, o que Jesus ensinou foi a ressurreição do Espírito na dimensão espiritual, não a do corpo físico, um dogma fundamental das igrejas tradicionais.

d) Ressurgir em Espírito influenciando um encarnado

É uma situação inusitada; entretanto, é possível de acontecer.

- Mateus 14,1-2: *"Naquele tempo, Herodes, o tetrarca, veio a conhecer a fama de Jesus e disse aos seus oficiais: '**Certamente se trata de João Batista: ele foi ressuscitado dos mortos e é por isso que os poderes operam através dele!**'"*
- Marcos 6,14-16: *"O rei Herodes ouviu falar dele. Com efeito, seu nome se tornara célebre, e diziam: '**João Batista foi ressuscitado dos mortos, e por isso os seus poderes operavam através dele**'. Já outros diziam: '**É Elias**'. E outros ainda: '**É um profeta como os outros profetas**'. Herodes, ouvindo essas coisas, dizia: '**É João, que eu mandei decapitar, que ressuscitou**'"*.

Esses passos são duas versões do mesmo episódio, que ainda pode ser visto na narrativa de Lucas (9,7-9). Só que em Lucas Herodes descartou que não poderia ser João, enquanto em Mateus e Marcos ele afirma que é João.

Muitos médiuns, agindo pelo "poder" do Espírito que lhes acompanha e com o qual estão totalmente sintonizados, operam prodígios, incluindo aí as curas, por operações espirituais, fato que, muitos de nós, já estamos acostumados, por ser um pouco comum em terras brasileiras.

A questão de João Batista ser Elias reencarnado

Esse assunto é dos que trazem muita polêmica no meio dos cristãos tradicionais, que não querem de forma alguma ver nele a reencarnação sendo algo constante no ensino de Jesus, conforme veremos a seguir.

a) A profecia: a previsão de sua volta

Para ter a história desde seu início, voltamos a citar Malaquias, que foi o profeta designado por Deus para anunciar a volta de Elias.

- Malaquias 3,1.23-24: "**Eis que enviarei o meu mensageiro para que prepare um caminho diante de mim. Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível. Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema**".

Aqui torna-se clara a previsão da volta de Elias; se se toma a Bíblia como sendo a palavra de Deus, dever-se-ia aceitar essa realidade.

b) A realização: anúncio de que ele está voltando

"Um" Anjo do Senhor, e não "o" Anjo do Senhor, veio avisar a Zacarias que sua mulher Isabel, apesar de estéril, daria a luz a um filho, ao qual deveriam chamá-lo de João. Vejamos a narrativa completa.

- Lucas 1,11-17: "*Apareceu-lhe, então, o Anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo Zacarias perturbou-se e o temor se apoderou dele. Disse-lhe, porém, o anjo: 'Não temas, Zacarias!, porque tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará um filho, ao qual **porás o nome de João**. Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho, nem bebida embriagante; ficará pleno do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe e converterá muitos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. Ele caminhará à sua frente, **com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto**'".*

A expressão "*com o espírito e o poder de Elias*" está exatamente aí para confirmar que era o próprio Elias quem estava voltando no corpo da criança que iria nascer, ou seja, João Batista.

Observar que na profecia de Malaquias foi dito "**Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais**" e aqui, em Lucas, a missão de João era a "**de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à prudência dos justos**", portanto, quase nos mesmos termos como dito por Malaquias.

c) O cumprimento da profecia: é confirmada a sua volta

Sem que nos seja revelado, via de regra, não teríamos como saber se Elias teria voltado, ou não, mesmo considerando o que o anjo disse a Zacarias. Não morreremos sem saber, pois temos um grande personagem, que irá nos desvendar esse "mistério". Vejamos:

- Mateus 11,7-15: "*Os discípulos de João partiram, e **Jesus começou a falar às multidões a respeito de João**: 'O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. **É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'**. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. **Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça**'".*

Observe, caro leitor, essa fala de Jesus: "**É de João que a escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'**", se não é

exatamente o que consta na profecia de Malaquias sobre a volta de Elias. Assim, se na Escritura está dito “*eis que envio o meu mensageiro*” (Malaquias), mensageiro que é identificado pelo próprio Malaquias como sendo Elias, e Jesus identifica-o como sendo João, então, temos que concordar que João só pode ser Elias em nova reencarnação; não há como fugir disso.

Ademais, isso faz sentido com o “**desde os dias de João Batista até agora**”, pois Jesus se referia à época em que João viveu como Elias, uma vez que não há cabimento algum em relacionar isso a alguém que lhe é contemporâneo. Seria a mesma coisa que dizer: “desde o tempo em que João foi Elias”.

Jesus, sabedor que não seria acreditado, acrescenta: “*Quem tem ouvidos, ouça*”, ou seja, não se preocupou em forçar a ninguém a acreditar naquilo que estava falando.

O versículo 14 é traduzido por Pastorino da seguinte forma: “**E se quereis aceitar (isto), ele mesmo é Elias que estava destinado a vir**”; e ele explicou o porque disso:

A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns. Mas o grego é bem claro: *kai* (e) *ei* (se) *thélete* (quereis) *decsásthai* (aceitar, inf. pres.) *autós* (ele mesmo) *estin* (é) *Hêlías* (Elias) *ho méllôn* (part. presente de *mellô*, destinado, “o que estava destinado”) *érchesthai* (inf. pres.: a vir).

A Vulgata traduziu: “et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est”, em que o particípio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do particípio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo “arranhado”. Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): “ipse est Elias debens venire”, o que corresponde exatamente à nossa tradução: “ele mesmo é Elias que devia (estava destinado) a vir”. Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá* vir), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito. (PASTORINO, 1964c, p. 16).

Portanto, caro leitor, que fique atento quando for ler esse versículo.

d) A dúvida dos discípulos: Afinal Elias vem ou não?

Num certo momento, os discípulos de Jesus questionam a Jesus sobre a volta de Elias, conforme os escribas esperam acontecer, apoiados na profecia.

• Marcos 9,2-4.9-13: “*Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e os levou sozinhos, para um lugar retirado sobre uma alta montanha. Ali foi transfigurado diante deles. Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, de alvura tal como nenhum lavadeiro na terra as poderia alvejar. E lhes apareceram Elias com Moisés, conversando com Jesus. Ao descerem da montanha, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até quando o filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram a recomendação perguntando-se que significava 'ressuscitar dos mortos'. E perguntaram-lhe: 'Por que motivo os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro? Ele respondeu: "Elias certamente virá primeiro, para restaurar tudo. Mas como está escrito a respeito do Filho do Homem que deverá sofrer muito e ser desprezado? Eu, porém vos digo: Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram como dele está escrito"*. (ver tb Mt 17,10-13).

Não podemos deixar de ressaltar que nesse episódio acontece algo especial que vem contrariar aquilo que dizem sobre a comunicação com os mortos. É, caro leitor, no passo encontramos, nada mais, nada menos, do que o próprio Jesus conversando com dois mortos – Moisés e Elias; isso prova que o intercâmbio com os que vivem no plano espiritual jamais foi uma proibição divina.

Além, de ser uma proibição particular de Moisés, ela não era tão abrangente quanto querem fazer dela se crer; a preocupação desse legislador hebreu era proibir a evocação dos mortos para fins de adivinhação, e não mais que isso.

Retomando o fio da meada. Os discípulos, que acompanhavam Jesus, ficaram sem

entender a profecia a respeito da volta de Elias, quando ele falou da "ressurreição dos mortos", por vê-lo junto de Moisés. A dúvida era: se Elias tem que voltar, ou seja, "ressuscitar dos mortos" para anunciar o Messias, como é que ele está aqui falando com Jesus? E, seguindo essa linha de raciocínio, Jesus, obviamente, passava a não ser o Messias esperado.

A resposta de Jesus foi taxativa: "*Elias certamente virá primeiro*" ao que completa incontinente: "*Eu, porém, vos digo: Elias já veio*". Essa segunda afirmativa tinha a função de não deixar margem a dúvida quanto à volta de Elias, em cumprimento à profecia de Malaquias.

Vejamos o final desse episódio pela narrativa de Mateus:

• Mateus 17,10-13: "*Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: **Elias já veio, e eles não o reconheceram**. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo'. **Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista***".

Pela versão de Mateus, Jesus afirmou categórico "***Elias já veio, e eles não o reconheceram***", acrescentando "*fizeram com ele tudo quanto quiseram*"; foi aí que os discípulos entenderam que Jesus falava de João Batista, conforme consta no versículo final desse passo. Por que motivo não o reconheceram? Simplesmente, pelo fato dele ter vindo em um outro corpo, o de João Batista.

Vimos Jesus em outras oportunidades dar demonstração clara de ter conhecimento do pensamento das pessoas, o que nos leva a concluir que também aqui, certamente, sabia o que pensavam seus discípulos; e se, mesmo assim, não disse nada em contrário, é sinal que aprovara o que estavam pensando de João, ou seja, que ele era realmente Elias.

Nesse passo há um detalhe que passa despercebido, que é a pergunta constante do versículo 10, a respeito da vinda de Elias, pois demonstra que os discípulos, pelo menos Pedro, Tiago e João, tinham conhecimento da reencarnação; senão não teria cabimento eles terem feito a pergunta sobre a vinda de Elias, e o fato deles, em consequência da resposta de Jesus, compreenderem que Ele lhes tinha falado de João Batista.

Aqui terminamos as explicações em que se comprova biblicamente que João é mesmo Elias, cuja volta foi profetizada por Malaquias.

A pergunta de Jesus

Da resposta dos discípulos a Jesus sobre o que o povo pensava dele, pode-se, também, concluir que acreditavam na reencarnação.

• Lucas 9,18-19: "*Certo dia, Jesus estava rezando num lugar retirado, e os discípulos estavam com ele. Então Jesus perguntou: 'Quem dizem as multidões que eu sou?' Eles responderam: 'Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou'*". (ver tb Mateus 16,13-14 e Mc 8,27-28).

O teor desse passo confirma o que foi dito em Lucas 9,7-9, sobre quem acham ser Jesus, que citamos, quando demonstramos os vários significados da palavra ressurreição.

Embora já dito, o que agora queremos novamente ressaltar, é que, se não acreditassem que alguém poderia voltar em outro corpo, não haveria sentido algum de pensarem ser Jesus esses personagens citados. É importante não esquecer o fato de que Jesus não retrucou aos discípulos dizendo que não era nenhum deles, negação essa, com base na qual poderia ser aventada a hipótese de que não há a reencarnação. Como não negou, então, taxativamente, concordou que era possível alguém voltar em nova vida e em novo corpo, ou seja, reencarnando.

Champlin e Bentes, já mencionados, trazem os seguintes argumentos:

1. *Mateus 16:13,14*: "Indo Jesus para as bandas de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros, Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas".

Ora, se Jesus tivesse de ser um dos antigos profetas hebreus, teria de ter reencarnado. Fazia parte da doutrina judaica comum daquela época que os grandes profetas da antiguidade teriam de cumprir mais de uma missão sobre a terra, e esperava-se que voltassem a este mundo não somente Elias, mas também Jeremias. Uma figura tão poderosa quanto Jesus, por conseguinte, bem poderia ser identificada com algum profeta antigo, na mente popular. O comentarista bíblico, **Adam Clarke, diz** a respeito desses versículos:

"... a doutrina farisaica da metempsicose, ou transmigração das almas, era bastante generalizada, porque era com base na mesma que eles acreditavam que a alma de Batista, ou de Elias, Jeremias, ou de algum dos outros profetas, retornara à vida, no corpo de Jesus".

Jesus não aprovou e não negou essa doutrina, nessa oportunidade, apesar de não haver aceito qualquer das identificações propostas quanto à sua pessoa. A doutrina farisaica não limitava a reencarnação a alguns poucos indivíduos seletos, mas encontrava lugar para inúmeros renascimentos, dentro do seu sistema. (CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 585, grifo nosso).

Confirmam, portanto, o que dissemos.

O Cego de Nasceça

Outra ocorrência que merece ser mencionada é aquela na qual Jesus cura um cego de nasceça.

• João 9,1-3: *"Ao passar, Jesus viu um cego de nasceça. Os discípulos perguntaram: 'Mestre, quem foi que pecou, para que ele nascesse cego? Foi ele ou seus pais?' Jesus respondeu: 'Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus'".*

Implicitamente, pode ver a questão da lei de causa e efeito sendo sugerida como causa da cegueira daquele homem.

Concomitante a isso, temos também a questão da preexistência; porém, o mais importante a ser destacado nesse passo, é a pergunta dos discípulos, o que demonstra que uma pessoa, para vir como cega, teria que ter havido um pecado em uma vida anterior; por parte dele ou dos pais. Dessa forma, fica claro que acreditavam na reencarnação.

Entretanto, Jesus afirma que, especificamente naquele caso, a cegueira não era por conta de pecado algum; porém, para que se manifestasse a glória de Deus. Diante disso, entendemos que esse homem aceitou a missão de nascer cego para que fosse curado por Jesus. Na sequência do episódio, veremos esse cego colocando os fariseus contra a parede, o que, para nós, significa a confirmação de que estava mesmo em missão. Kardec, apresenta-nos a hipótese de provação, senão vejamos:

A pergunta dos discípulos: Foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele *nascesse* cego? **revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior**, pois, do contrário, ela careceria de sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de *nasceça*, se cometido antes do nascimento, portanto, numa existência anterior. **Se Jesus considerasse falsa semelhante ideia, ter-lhes-ia dito: "Como houvera este homem podido pecar antes de ter nascido?"** Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego, não por ter pecado, mas para que nele se patenteasse o poder de Deus, isto é, para que servisse de instrumento a uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, **era uma provação apropriada ao progresso daquele Espírito**, porquanto Deus, que é justo, não lhe imporia um sofrimento sem utilidade. (KARDEC, 2007e, p. 371-372, grifo nosso).

Fazem todo o sentido as considerações de Kardec acerca do fato de que se Jesus considerasse falsa a ideia de que alguém poderia pecar antes de ter nascido, Ele a teria combatido. Como não fez isso, foi porque, de uma certa forma, Ele sancionou a lei da reencarnação, da qual os hebreus tinham conhecimento.

Novamente, vamos trazer Champlin e Bentes, que assim explicam esse passo:

A despeito do fato de que havia uma esquisita noção judaica, segundo a qual julgava-se que um homem podia pecar; mesmo enquanto ainda estivesse no ventre de sua mãe, antes de seu nascimento físico, não é muito provável que os discípulos de Jesus tivessem em mente tal ideia, quando indagaram por que razão aquele homem já nascera cego. Mas interrogavam a Jesus a respeito do *karma*, pois parece que eles compartilhavam dos pontos de vista farisaicos a respeito da reencarnação. A resposta dada por Jesus, por sua vez, nem confirmou e nem negou essa possibilidade, mas meramente eliminou-a no tocante a esse incidente particular. Entretanto, é teologicamente significativo que aqueles que escreveram os primeiros documentos cristãos, sem importar se acreditavam ou não na ideia da reencarnação, por essa altura da vida de Jesus, não incorporaram o conceito no sistema soteriológico do Novo Testamento, quando do registro de seus livros. (CHAMPLIN BENTES, 1995, p. 585-586)

Se pela palavra de Deus (a Bíblia), como demonstrado, dá-nos informação de que Elias reencarnou como João Batista e que “*Deus não faz acepção de pessoas*” (At 10,34; Rm 2,11; Gl 2,6; Ef 6,9; Cl 3,25; 1Pe 1,17), então, somos levados a concluir, por força da lógica, que a reencarnação faz parte das leis de Deus, estando sujeita a ela todas as suas criaturas, porquanto valerá o princípio insofismável de que “Basta um único corvo branco para provar que nem todos são negros”. (LOEFFLER, 2003).

O diálogo de Nicodemos com Jesus

Finalmente, chegamos ao último passo bíblico do Novo Testamento relacionado à reencarnação.

• João 3,1-12: “*Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos. Era um judeu importante. Ele foi encontrar-se de noite com Jesus, e disse: 'Rabi, sabemos que tu és um Mestre vindo da parte de Deus. Realmente, ninguém pode realizar os sinais que tu fazes, se Deus não está com ele'. Jesus respondeu: 'Eu garanto a você: se alguém não **nasce do alto**, não poderá ver o Reino de Deus'. Nicodemos disse: 'Como é que um homem pode **nascer de novo**, se já é velho? Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer?' Jesus respondeu: 'Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino de Deus, **se não nasce da água e do Espírito**. Quem nasce da carne é carne, quem nasce do Espírito é espírito. Não se espante se eu digo que é preciso vocês **nascem do alto**. O vento sopra onde quer, você ouve o barulho, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai. Acontece a mesma coisa com quem nasceu do Espírito'. Nicodemos perguntou: 'Como é que isso pode acontecer?' Jesus respondeu: 'Você é o mestre em Israel e não sabe essas coisas? Eu garanto a você: nós falamos aquilo que sabemos, e damos testemunho daquilo que vimos, mas, apesar disso, vocês não aceitam o nosso testemunho. Se vocês não acreditam quando eu falo sobre as coisas da terra, como poderão acreditar quando eu lhes falar das coisas do céu?'”.*

O grande problema nesse passo é em relação à tradução da palavra *Anóten* ou *ánotherm*, que, em grego, pode significar “de novo” e “do alto”. Duplo sentido que não existe na língua de Jesus, conforme nos informam os tradutores da Bíblia de Jerusalém (p. 1847), que, inclusive, empregam somente o termo “de novo”. Por isso, no texto deveria ser usado somente um desses significados; porém, foram utilizados os dois; certamente, com o objetivo de retirar desse texto qualquer ideia que pudesse levar a se crer na reencarnação.

No próprio texto temos a informação de que Nicodemos era um fariseu; fato importante, porquanto os dessa seita acreditavam na reencarnação, conforme já demonstramos. Isso fica claro quando ele retruca a Jesus dizendo: “*Como é que um homem pode **nascer de novo**, se já é velho? **Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer?** Vê-se, portanto, que ele, Nicodemos, acreditava na reencarnação; porém, não tinha a menor noção de como ela se processava; daí a razão dessas duas perguntas.*

É comum referirem-se a esse passo como sendo Jesus falando sobre o batismo; entretanto, isso é puro dogmatismo, uma vez que o ritual de iniciação dos judeus era a circuncisão e não o batismo, que, diga-se de passagem, foi copiado de religiões pagãs.

O trecho “*ninguém pode entrar no Reino de Deus, **se não nascer da água e do***

Espírito. *Quem nasce da carne é carne, quem nasce do Espírito é espírito*” está justamente falando de coisas da Terra e não de um simbolismo que querem usar para fugir da ideia da reencarnação, quando dizem que “nascer de novo” relaciona-se a renovação espiritual.

Esse sentido que desejam dar é contrário ao que está escrito, pois a expressão “de novo” corresponde a “novamente” ou “outra vez”; ou seja, a repetição do mesmo ato ou fato, enquanto o sentido de “renovação espiritual” tem o de “modo” ou “maneira”.

Os fariseus

Falamos algumas vezes dos fariseus; vejamos que informações sobre a crença deles podemos encontrar no Novo Testamento. Somente em Atos dos Apóstolos é que se tem algo sobre o que acreditavam.

- Atos 23,6-8: *“A seguir, sabendo que uma parte dos presentes eram saduceus e a outra parte eram fariseus, Paulo exclamou no Sinédrio: ‘Irmãos, eu sou fariseu e filho de fariseus. É por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado.’ Apenas falou isso, armou-se um conflito entre fariseus e saduceus, e a assembleia se dividiu. De fato, **os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito, enquanto os fariseus sustentam uma coisa e outra**”.*

Pelo que aqui se afirma os fariseus sustentavam a ressurreição; porém, conforme já vimos, eles, na verdade, acreditavam na reencarnação. Apenas para lembrar, visto esses dados estarem mais ao início desse texto, retomamos as informações de Flávio Josefo:

Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo forem neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que **outras voltam a esta**. (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).

Eles dizem também que as almas são imortais; que **as dos justos passam depois desta vida a outro corpo** e que as dos maus sofrem tormentos que duram para sempre. (JOSEFO, 2003, p. 556, grifo nosso).

Então, aqui, mais uma vez, temos no texto bíblico o uso da palavra ressurreição com o significado de reencarnação.

O corpo da ressurreição é o espiritual

Visando demonstrar que a ressurreição, em um dos seus significados, é espiritual e não física, vamos, primeiramente, recorrer a Paulo de Tarso, que define qual será o corpo da ressurreição.

- 1 Coríntios 15,35-49: *“**Todavia, alguém dirá: ‘Como é que os mortos ressuscitam? Com que corpo voltarão?’** Insensato! Aquilo que você semeia não volta à vida, a não ser que morra. E o que você semeia não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, **Deus lhe dá corpo como quer: ele dá a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio**. Nenhuma carne é igual às outras: a carne dos homens é de um tipo, a dos animais é de outro, e de outro a dos pássaros e de outro ainda a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. O brilho dos celestes, porém, é diferente do brilho dos terrestres. Uma coisa é o brilho do sol, outra o brilho da lua, e outra o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. **O mesmo acontece com a ressurreição dos mortos: o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual, pois a Escritura diz que Adão, o primeiro homem, tornou-se um ser vivo, mas o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro, não foi feito o corpo espiritual, mas o animal, e depois o espiritual. O primeiro homem foi tirado da terra é terrestre; o segundo homem vem do céu. O homem feito da terra foi o modelo dos homens terrestres; o homem do céu é o modelo dos homens celestes. E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste”.***

O versículo 50, dessa carta de Paulo aos coríntios, será visto à frente, no próximo comentário.

É fantástica a comparação que Paulo faz do corpo da ressurreição. Primeiramente, ele argumenta que o corpo da semente que se lança ao solo não é o mesmo da planta que ela dá origem. Depois ele faz-nos lembrar que Deus dá um corpo apropriado a cada situação, é assim, por exemplo, que as aves têm um corpo diferente dos peixes e estes, por sua vez, dos seres que rastejam sobre a terra. Em razão disso, conclui que o corpo da ressurreição será outro: "*é semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual*". Assim, Paulo é quem desempata essa questão do corpo da ressurreição.

Ressuscitar no corpo físico?

Para que as coisas fiquem bem claras, colocamos ainda essa questão, cuja resposta encontramos nos seguintes passos:

- 1 Coríntios 15,50: "*Eu lhes digo, irmãos, que **a carne e o sangue não podem receber em herança o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade***".
- João 4,24: "***Deus é espírito**, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade*".
- João 6,63: "***O Espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada...***"
- Gênesis 3,19: "*Com o suor do teu rosto comerás o teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois **tu és pó e ao pó tornarás***".
- Eclesiastes 12,7: "*E **o pó volte à terra**, como o era, e **o espírito volte a Deus**, que o deu*".

O versículo final, que compõe o passo citado no tópico anterior, o primeiro dos citados acima, diz claramente que "*a carne e o sangue não podem receber em herança o Reino de Deus*"; portanto, afirma que o corpo físico não é o que teremos após a ressurreição.

Além disso, temos que, se "*Deus é espírito*", nós, que fomos criados a sua semelhança, só podemos ser, na verdade, seres espirituais.

Por outro lado, se "*a carne não serve para nada*" o que faríamos com ela no plano espiritual, onde, certamente, teremos um corpo apropriado: corpo espiritual? Além disso, é da lei que "*o pó volte à terra*" e "*o espírito volte a Deus*".

Tradutor, traidor

Dissemos que a palavra reencarnação não se encontra na Bíblia; e isso, até por motivos óbvios, acontece porque, conforme dito, ela só aparece em dicionários no ano de 1858, um ano após Kardec publicar a primeira obra espírita. Entretanto, agora, podemos dizer que há outra palavra que significa reencarnação que está, sim, ou, melhor dizendo, deveria estar na Bíblia.

Mas por que não está? Simplesmente porque, conforme diz o ditado: "tradutor, traidor". Vejamos: o estudioso bíblico, Haroldo Dutra Dias (1971-), nos informa que "Há um antigo ditado na Itália que afirma ser o tradutor um traidor (*Traduttore, Traditore*)" (DIAS, s/d, Site *O Portal do Espírito*). Assim, é que a palavra *palingenesis* (palingenesia), definição grega para "novo nascimento" ou renascimento (MULHER, 1986, p. 19) que aparece em Tito 3,5, simplesmente foi traduzida de forma a não deixar margem à crença na reencarnação, que é exatamente o sentido do termo.

O teólogo Russell Norman Champlin confirma que a palavra usada em grego é mesmo "*paliggenesia*", isto é, "novo nascimento" (CHAMPLIN, 2005e, p. 439).

Vejamos como o teor desse passo é encontrado nas Bíblias:

*"Ele nos salvou, não por causa de quaisquer obras que nós mesmos tivéssemos praticado na justiça, mas em virtude da sua misericórdia, **pelo banho do novo nascimento** e da renovação que o Espírito Santo produz"*.

"Não pelas obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua misericórdia, salvou-nos

mediante **o batismo de regeneração** e de renovação do Espírito Santo”.

“Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou **pela lavagem da regeneração** e da renovação do Espírito Santo”.

Essas três versões, com pequenas variações, resumem o que encontramos nas diversas Bíblias pesquisadas.

Luiz Antonio Rucinski (1954-), autor da obra *A reencarnação está na Bíblia... reencontrando o antigo ensinamento*, apresenta-nos a seguinte explicação:

[...] Vamos verificar o que Paulo nos ensina, em sua epístola a Tito.

Versão em Grego da época

“ουκ εξ εργαων των εν δικαιοσυνη ων εποισαμεν ημεις αλλα κατα τον αυτου ελεον εσωσεν ημας δια λουτρου **παλιγγενεσιας** και ανακαινωσεως πνευματος αγιου” (Tito 3:5) Disponível no site <<http://agsimoes.myvnc.com/index.asp?opcao=teologia>> Acesso em 23 de abr. 2006.

Versão em Grego Transliterado

"ouk ex ergwn twm en dikaiosunh wn epoihsamem hmeiv alla kata ton autou eleon eswsen hmav dia loutrou **paliggenesiaiv** kai anakainwsewv pneumatov agiou." (Tito 3:5.) Disponível no site: <<http://agsimoes.myvnc.com/index.asp?opcao=biblia>> Acesso em 12 jun. 2005.

A palavra que Paulo usou naqueles dias foi: παλιγγενεσιας que, traduzido para o grego transliterado, é: paliggenesiaiv. Em português, Palingenesia. (RUCINSKI, 2006, p. 111, grifo do original).

Um pouco mais à frente, completa Rucinski:

E como seria a tradução correta hoje, direto do grego para o português?

“Não por obras da justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia **nos salvou pelo lavatório da reencarnação, e pelo renascimento** de um espírito santo” (Versão correta)

(RUCINSKI, 2006, p. 116, grifo do original).

Então, aquilo que deveria ser traduzido como palingenesia, ou seja, “novo nascimento” ou renascimento (=reencarnação) o foi como “banho de novo nascimento”, “o batismo de regeneração” e “lavagem da regeneração”, certamente, atendendo a interesses dogmáticos. Sabe o que é pior, caro leitor? É que sempre dizem, sem o menor constrangimento, que as traduções são fiéis aos originais. Pobre dos que acreditam neles!

Principais objeções dos que não admitem que a reencarnação esteja na Bíblia

Veremos agora as principais objeções que os antirreencarnacionistas apresentam em defesa do ponto de vista de que a reencarnação não está na Bíblia.

Quando lhe perguntaram: “És tu Elias?”, ele respondeu desembaraçadamente: “NÃO SOU”. Parece que, se a reencarnação existe, João Batista foi um dos que nunca acreditou nela. João 1,19-21: “... As autoridades dos judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: 'Quem é você?' João confessou e não negou. Ele confessou: 'Eu não sou o Messias'. Eles perguntaram: 'Então, quem é você? Elias?' **João disse: 'Não sou'**. Eles perguntaram: 'Você é o Profeta?' Ele respondeu: 'Não'.

Talvez não saibam que o esquecimento do passado é algo comum a todos os seres encarnados. Vejamos o que sobre isso se fala em *O Livro dos Espíritos*:

392. Por que perde o Espírito encarnado a lembrança do seu passado?

“Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em Sua

sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. *Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si.*"

(KARDEC, 2007a, p. 242)

Está aí a razão de ser do esquecimento do passado, que justifica o motivo pelo qual João não se lembrou da época em que viveu como Elias.

Se Elias fosse João Batista reencarnado os espíritas entrariam em contradição com sua própria doutrina, veja: João nesta altura [transfiguração] já havia sido decapitado por Herodes, portanto estava morto. Kardec afirmou que "a reencarnação é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo".

Como então, João Batista, apareceu no velho corpo na transfiguração? Não teria ele que aparecer (de acordo com a doutrina espírita) com o atual, da última reencarnação, isto é, com o corpo de João e não de Elias?

Vejamos novamente *O Livro dos Espíritos*:

150.a) -Como comprova a alma a sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material?

"Continua a ter um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta, **e que guarda a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.**"

(KARDEC, 2007a, p. 133, grifo nosso).

De Kardec ainda temos:

Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, **quase sempre**, sob as aparências que tinham quando vivos, e que pode fazê-los reconhecer. (KARDEC, 1993h, p. 108, grifo nosso).

Podendo tomar todas as aparências, **o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível**, se tal é o seu desejo. [...] (KARDEC, 2007b, p. 146, grifo nosso).

Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo I – Da ação dos espíritos sobre a Matéria, item 56, lemos:

[...] Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a **forma que toma**, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, **amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda**, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.

Livre desse obstáculo que o comprimia, **o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua**. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que **o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo**, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. (KARDEC, 2007b, p. 81-82, grifo nosso).

Então, fica bem claro que um espírito pode tomar a aparência que desejar, bastando para isso usar a sua vontade para, imediatamente, moldar seu perispírito naquela que lhe interessa apresentar-se. Quanto mais evoluído o espírito, maior a sua capacidade de produzir tal transformação.

A Bíblia diz categoricamente que "Está ordenado ao homem morrer uma só vez vindo depois disto o juízo" (Hebreus 9,27). Não existem várias mortes, mas uma só.

A questão é que ao homem físico é destinado a morrer uma só vez, isso de fato acontece em cada uma de suas encarnações. O suporte para essa conclusão, podemos tirar do no teor deste passo já citado:

- Eclesiastes 12,7: **"E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu"**.

A morte, portanto, é algo que só atinge o corpo físico; quanto ao espírito, ele voltará a Deus e passará à sua condição de ser imortal, que não está sujeito à morte. Vale citar Flávio Josefo que disse algo que vem confirmar essa dualidade do ser humano: "[...] É verdade que nossos corpos são mortais, porque são feitos de uma matéria frágil e corruptível; mas nossas almas são imortais e participam de algum modo da natureza de Deus. [...]" (JOSEFO, 2003, p. 600).

Ademais, para que essa passagem fosse algo contra a reencarnação teria que ser dito: **"Está ordenado ao homem viver uma só vez..."**, porque morrer mesmo, só morremos uma só vez e bem morrido.

Mais uma coisa: se logo depois vem o juízo, que nos expliquem então a necessidade do Juízo Final. Será que teremos dois julgamentos? Se formos condenados no primeiro, poderemos ser inocentados no segundo?

Se a reencarnação é o ato ou efeito de reencarnar, pluralidade de existência com um só espírito, é evidente que um vivo não pode ser reencarnação de alguém que não morreu. Fica claro assim que João não era Elias já que Elias NÃO MORREU, como erroneamente querem fazer entender e com muita dificuldade os espíritas, tendo sido arrebatado vivo para Deus (2Crônicas 2,11).

Além de negarem as afirmativas peremptórias de Jesus que **"É de João que a Escritura diz: "Eis que eu envio o meu mensageiro..."** (Mt 11,10) e **"João é Elias que devia vir"** (Mt 11,15), ainda por cima apresentam a crença de que Elias teria sido arrebatado, cujo fundamento é contrário ao que consta nestes passos:

- *"Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu: o Filho do Homem"*. (João 3,13)
- *"Deus é Espírito"* (João 4,24).
- *"O Espírito é que dá vida, a carne não serve para nada"* (João 6,63).
- *"... a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus"* (1Coríntios 15,50).

Além disso, como se pode ver no passo onde se narra o suposto arrebatamento de Elias ao céu, fica claro que, na verdade, acreditavam num arrebatamento para algum outro local, daí a razão pela qual os discípulos de Elias pediram a Eliseu para o procurarem, conforme o segundo livro de Reis (2Rs 2,11-17).

O teor desses passos deveria inviabilizar totalmente a crença de que Elias teria sido arrebatado; até mesmo por ser algo estranho, pois Jesus, que lhe era infinitamente superior, não o foi.

Quando vemos uma pessoa com as mesmas características de outra dizemos: este é um Pelé, um Picasso. Com isso não queremos dizer que um é a reencarnação do outro! Vejamos então as semelhanças entre o ministério de ambos:

ELIAS	JOÃO BATISTA
<ul style="list-style-type: none"> • Profetizou em tempos de apostasia • Profetizou para aproximar o povo de Deus • Vestia -se com roupa de pele de ovelhas • Acabe (o rei) tinha medo de Elias • Jezabel pediu a vida de Elias 	<ul style="list-style-type: none"> • Profetizou em tempos de apostasia • Profetizou para aproximar o povo de Deus • Vestia-se com roupa de pele de ovelhas • Herodes tinha medo de Elias • Herodias pediu a vida de João

• Pregava sobre o arrependimento e castigo

• Pregava sobre o arrependimento e castigo

A comparação feita de alguém ser “**um** Pelé” e “**um** Picasso” não é a mesma coisa que dizer que alguém é “**o** Pelé” e “**o** Picasso”, pois foi exatamente isso que Jesus disse de João Batista: “*Ele é **o Elias** que deve vir*” (Mt 11,15) (Bíblia de Jerusalém).

Ademais, vemos, em tantas semelhanças, justamente como algo que vem comprovar que João é mesmo Elias, numa nova reencarnação.

O “curioso” é que Elias mandou degolar 450 sacerdotes de Baal (deus da fertilidade e da vida) (1Rs 18,19.22.40) e que João Batista morreu degolado por ordem de Herodes; assim, foi cumprida a Lei de Ação e Reação, a respeito da qual mencionamos e apresentamos vários passos bíblicos que a sustentam: matou degolando, morreu degolado.

Conclusão

Por todos os dados que levantamos e pelos textos bíblicos citados somos levados a aceitar que a reencarnação está, sim, na Bíblia; porém, só para quem “tem olhos de ver”. Deixamos bem claro, que não temos a pretensão de impor a ninguém essa nossa maneira de pensar, pois é direito natural de cada um acreditar no que quiser.

Vale a pena transcrever a citação que Dr. Hernani Guimarães faz de um pensamento de Ramacharaka, que, segundo informações do site *Círculo de Estudos Ramacháraca (sic)*, trata-se de William Walker Atkinson (1862 -1932):

Aqueles que não despertaram para a verdade do “renascimento” não podem ser a isso forçados por argumentos, e aqueles que “creem” na verdade dele não necessitam de argumentos. Ramacharaka (*Indian Journal of Parapsychological Research* – vol. 7, Ns. 1 a 4, 1965-66, p. 57) (ANDRADE, 2002a, p. 139).

Muitos dos argumentos aqui tratados já foram por nós utilizados em outros textos de nossa autoria, onde os temas são desenvolvidos com maior profundidade. Recomendamos ao leitor que os leiam, para complementar tudo que aqui falamos. São eles: “[O ritual do batismo](#)”, “[A conversa de Jesus com Nicodemos](#)”, “[João Batista é mesmo Elias?](#)”, “[Josefo, os fariseus e a reencarnação](#)”, “[A profecia sobre a volta de Elias se realizou?](#)”, “[O caso do arrebatamento de Elias](#)” “[Os arrebatamentos na Bíblia](#)”, “[Jesus falou sobre a reencarnação?](#)”, “[Ressurreição da carne?](#)”, “[Comunicação com os mortos na Bíblia](#)” e “[Evocar os espíritos: Moisés ou Kardec?](#)”.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Jan/2012
(revisado mai/2013)

Referências Bibliográficas:

- A Bíblia Anotada. 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
Bíblia de Jerusalém. nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
A Lei de Moisés TORA, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, Ed. e Liv. Sêfer, 2001.
ALEIXO, S. F. *Reencarnação – Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus*. Niterói (RJ): Lachâtre, 2003.
ANDRADE, H. G. *Você e a Reencarnação*, Bauru. São Paulo: CEAC, 2002a.
ANDRADE, H. G. *Parapsicologia: uma visão panorâmica*. São Paulo: Fé Editora, 2002b.
BERG, P. S. *Reencarnação, as rodas da alma*. São Paulo: Centro de Estudos da Cabala, 1998.
CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo a versículo*. Vol. 5. São Paulo: Hagnos, 2005e.
CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 5. São Paulo: Candeia,

1995e.

CHAVES, J. R. *A Reencarnação na Bíblia e na Ciência*. São Paulo: EBM, 2006.

ESPINOSA, B. *Tratado teológico-político*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREKE, T. e GANDY, P. *Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo*. Mem Martins, Portugal: Europa-América, 2002.

GIBSON, S. *A gruta de São João Batista*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HESSEN, J. Reencarnação: processo universal de aplicação da Justiça Divina. *in*. Reformador, nº 2095. Rio de Janeiro: FEB, out/2003, p. 26-27.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993b.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993h.

MULLER, K. E. *Reencarnação Baseada em Fatos*. São Paulo: Edicel, 1986.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 3*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964c.

PROPHET, E. C. *Reencarnação – o Elo Perdido do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

REBELO, V. e SILVEIRA, E. Conceitos do Judaísmo *in*. *Coleções Religiões do Mundo: Judaísmo*, s/d, p. 23-24).

RUCINSKI, L. A. *A reencarnação está na Bíblia... reencontrando o antigo ensinamento*. Porto União, SC. 2006.

SELEEM, R. *O Livro dos mortos do Antigo Egito*. São Paulo: Madras, 2003.

SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa: Ideia, 2001.

Coleções Religiões do Mundo: Judaísmo, nº 04 (revista), São Paulo: Escala, s/d.

Revista Cristã de Espiritismo, nº 24, São Paulo: Escala, s/d.

Site *Círculo de Estudos Ramachâraca*: <http://www.ramacharaca.com.br/autor.htm>, acesso em 26/01/2012, às 09:27hs.

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/israel/historia-de-israel.php>, acesso em 05.02.2012 às 09:45hs.

DIAS, H. D. *Traduttore, Traditore (Tradutor, Traidor)*. Disponível pelo link: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/estudo/traduttore.html>, acesso em 14/02/2012 às 09:19hs.

Site *Bíblia Católica Online*: <http://www.bibliacatolica.com.br/09/2/34.php#ixzz1mRZJ2T8b>, acesso em 15/02/2012 às 08:08hs.

Site CNBB: <http://www.cnbb.org.br/liturgia/app/user/user/UserView.php?ano=2011&mes=6&dia=24>, acesso em 19/03/2012, às 22:02hs.

(uma adaptação desse texto com o título de *A visão espírita da ressurreição* foi publicada na **Revista Cristã de Espiritismo**, ano XII,. Nº 103. São Paulo: Editora Vivência, abril/2012, p. 6-10.